

## A COMODIFICAÇÃO FEMININA NO FUNK ATRAVÉS DE RECURSOS LINGÜÍSTICOS MULTIMODAIS

Edinéia Aparecida Chaves de OLIVEIRA\*

*ABSTRACT: The present work is the beginning of the doctorate thesis that intends to investigate the feminine commodification in the gender musical funk. In the powder-modern world, everything can be used as sale resource, besides the feminine illustration, what is easily notice in promotions of different products as beer or cars. This phenomenon is called “Commodification” (FAIRCLOUGH, 1992). This discursive technique is constant in the current days, mainly through images or texts that mix the verbal and the visual, in other words, texts multimodais (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996). Leaving of ACD (Critical Analysis of the Speech), that it sees the text as the materialization of different speeches, in consonance with other authors that study the consumption in the late modernity (BAUMAN, 2008); the proposal is to understand as the woman it is commodity and used to sell the gender musical funk.*

*KEYWORDS: Funk; Multimodal Discourse; Commodification.*

### 1. Introdução

Atualmente, o mundo moderno parece dar vez e voz para a mulher, através de técnicas discursivas sofisticadas, que por sua vez mascaram ideologias tradicionais e machistas sobre o papel feminino na sociedade (FISCHER, 2005; CALDAS-COULTHARD, 2004, 2005; FIGUEIREDO, 2004; OLIVEIRA, 2007, 2008).

Essa identidade da mulher objetificada, presente na mídia, sobretudo nas últimas décadas e as técnicas discursivas usadas nestes discursos são o objeto de estudo deste trabalho. Vivemos em um espaço social caracterizado pelo dinamismo do tempo e do espaço, além da tecnologia digital e do apelo ao consumo. Neste cenário, tudo pode ser usado como recurso de venda, inclusive a figura feminina, o que é facilmente observável em promoções de diferentes produtos como cerveja ou carros. O fenômeno de canalizar um discurso para o discurso da venda denomina-se *comodificação* (FAIRCLOUGH, 1992). Por estratégias lingüísticas que podem se caracterizar como um processo comodificante, levanta-se a hipótese de que existe uma *comodificação* da figura feminina nos discursos promocionais e de forma restrita no *Funk*. A mulher assume o lugar do produto, ela é o produto, seu corpo é a propaganda do *Funk*.

De forma especial, este projeto olhará para textos promotores do *Funk* pautados na multimodalidade, observando assim a como acontece o processo de *comodificação* feminina nesta rede de práticas discursivas multimodais que promovem o *Funk*, dando ênfase às capas de CDs deste gênero musical e às metáforas sobre as “mulheres fruta”.<sup>1</sup> As capas foram escolhidas como objeto de análise porque apresentam uma organização, uma sintaxe que traz a representação feminina objetificada pornograficamente, usada como marca do estilo musical. Há uma recorrência estrutural de seleção de imagens usadas em CDs piratas, que se diferencia da dos CDs oficiais de gravadoras de prestígio e também uma outra organização

---

\* Doutoranda, Universidade do Sul de Santa Catarina.

<sup>1</sup> Quando cito o *Funk* com letra maiúscula estou me referindo ao movimento como um todo. Ao qualificar as músicas, a comunidade ou a geração de envolvidos, entretanto, grafo *funk* em letras minúsculas.

textual multimodal para CDs adquiridos pela internet. Além disso, há diferentes representações para MCs masculinos e femininos, bem como uma outra representação feminina nas capas que vendem coletâneas de vários MCs. É o conjunto destas representações, que circulam nestes suportes textuais, que podem ser mapeadas dando pistas de como funciona o discurso da venda. Uma venda que usa a figura da mulher.

Já as “mulheres fruta” são personagens que estão no cenário da mídia deste 2008 e vieram do mundo *funk*. São, em sua maioria, ex dançarinas de MCs famosos do gênero. Seus nomes artísticos foram criados a partir da metáforização de suas qualidades corpóreas, num processo simbólico metonímico, onde elas são denominadas com nomes de frutas ou alimentos, de acordo com a semelhança de seus corpos com determinada fruta/alimento, gerando assim um processo de criação de sentido literário, associando estas mulheres a sabores, gostos, cheiros. Também considero a possibilidade de analisar as “mulheres fruta” com o sistema de categorização, usando Fowler (2004) e Potter e Wetherell (1990, 1991).

Do vasto material multimodal que acompanha a trajetória destas personagens, selecionou-se as reportagens de jornais “Folha de São Paulo” e “Folha de São Paulo on-line”. A busca aconteceu através da própria metáfora, ou seja, digitando o nome de uma destas mulheres, nos sites dos jornais, obtiveram-se as reportagens sobre as mesmas. O trabalho analisará como a metáfora funciona nestes textos, nestas reportagens. Como a escolha destes nomes, títulos, acaba por rotular, criar ou mudar a identidade destas personagens enquanto “mulheres fruta”.

A base para um estudo textual com este posicionamento crítico é conseguido na ACD- Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992, 2003, 2006). Essa teoria pensa a linguagem como ação e interação humana, aglomera diferentes conceitos, de diferentes áreas lingüísticas, que propiciam um estudo do texto como possibilidades de escolhas de seus produtores. Dessa forma, pelas pistas textuais, é possível localizar o discurso que garante as práticas sociais veiculadas por esses textos.

O presente artigo é um esboço desta pesquisa que está em andamento. Nele serão mostrados os conceitos básicos da pesquisa, retomando a ACD, a metodologia que usará a Lingüística Sistemico Funcional e a Gramática Visual, o corpus que já está selecionado e algumas ferramentas analíticas que ainda devem ser determinadas, como a opção pelo estudo da metáfora ou do sistema de categorização para a análise das “mulheres fruta” no *Funk*.

## 2. Os principais conceitos da ACD: um modelo de análise

A Análise Crítica do Discurso proporciona, juntamente com os estudos sobre linguagem e significação, o fornecimento de ferramentas teórico-metodológicas para investigar como a linguagem medeia processos ideológicos e colabora na construção, manutenção e/ou alteração de relações de poder.

A linguagem, enquanto prática social, também se molda e serve de ferramenta aos objetivos das sociedades contemporâneas, fundadas sobre princípios neo-liberais e excludentes.<sup>2</sup> Isso se dá porque, “primeiro, a linguagem faz parte da sociedade, não lhe é externa. Segundo, a linguagem é um processo social. E terceiro, é um processo condicionado socialmente, condicionamento que vem de outros setores (não-lingüísticos) da sociedade”

---

<sup>2</sup> Segundo Corrêa (1999), a tendência de globalização da economia mundial assume um caráter cada vez mais excludente, sobretudo pelos ajustes neoliberais e o monopólio dos avanços científicos e tecnológicos. Monopoliza-se o lucro e o poder social mantém-se nas mãos de poucos. Essas questões me interessam na medida em que podem me ajudar a entender como a linguagem contribui para os processos de discriminação e exclusão social.

(FAIRCLOUGH, 1992, p. 18). Sendo assim, a linguagem é uma parte do social e ao mesmo tempo um processo social, condicionando o social e sendo influenciada por ele. Devido a essa bidirecionalidade, é possível identificar nas práticas discursivas cotidianas traços lingüísticos denunciadores do preconceito, da discriminação e de lutas de classes, além do apelo ao consumo.

A ACD faz suas análises que envolvem o texto e a prática social a partir de alguns conceitos que precisam ser compreendidos em suas inter-relações nas práticas sociais. São eles “linguagem, discurso, identidade, ordens do discurso, semiose, prática social, contextos de situação e de cultura”.

Grosso modo, a linguagem é um sistema social de pensamento, comunicação e ação humana. Agimos, representamos e nos auto-significamos pela linguagem. As formas de representar o mundo pela linguagem compreendem o discurso. A linguagem possibilita inúmeras possibilidades de combinação dos signos e a cada escolha, configurará-se um discurso, uma representação, escolhida para mostrar determinada prática social.

Discurso, portanto, inclui linguagem (escrita e falada e uma combinação com outras semioses), comunicação não-verbal (expressões faciais, movimentos do corpo, gestos, etc.) e imagens visuais (por exemplo, fotografias, filmes). O conceito de discurso pode ser entendido como uma perspectiva particular em várias formas de semioses – isso apresenta a perspectiva de momentos discursivos da prática social em sua articulação com outros momentos não-discursivos. (CARVALHO, 2007, p. 797).

Dessa forma, nem sempre se mostra o que as coisas são, mas sim como elas são representadas. Este movimento é dialético, pois a linguagem em sua recorrência acaba naturalizando uma representação, um determinado discurso. Dentro desta representação, também as escolhas, principalmente das palavras e da forma de nomear os sujeitos das ações, bem como de construir avaliações positivas ou negativas sobre as personagens, é a responsável pela construção das ideologias. Estas também acabam sendo justificadas sempre na dialética da repetição discursiva.

Estas formas de significar correspondem à semiose. “Semiose inclui todas as formas de produzir sentido – imagens, visuais, movimentos do corpo, bem como a linguagem” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 123). Esta semiose está em todos os processos materiais. São as escolhas lingüísticas feitas.

As ordens do discurso acabam culminando no resultado final do conjunto de escolhas semióticas. Dizem respeito aos ‘gêneros’, ‘estilos’, ‘registro’ e ‘discursos’ assumidos, sendo que o ‘gênero’ envolve os outros. “Um gênero discursivo implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos” (FAIRCLOUGH 1992, p.161).

Então, estes conceitos são advindos da possibilidade que é a linguagem humana representa, mas também faz parte da construção da realidade. A análise dos recursos lingüísticos como possibilidades do discurso corresponde à ACD. Ela ainda admite que o texto, como gênero, é sempre uma construção impactada pelo contexto de situação e de cultura. “A língua apenas se torna inteligível quando ela é localizada num contexto de situação” (EGGINS, 2004, p.86). Mas esta leitura particular do texto em seu gênero e sua forma de circulação correspondem ao contexto de cultura. “O estudo de qualquer língua, falada por pessoas que vivem sob condições diferentes das nossas e que possuem uma cultura diferente, deve ser conduzido junto com o estudo do ambiente” (EGGINS, 2004, p.86).

Esta dependência não pode ser negada na análise crítica de um texto. Para Carvalho:

As mudanças na prática social são inicialmente marcadas no plano da linguagem pelas mudanças no sistema de gêneros discursivos. Uma sociedade ou instituição particular tem uma configuração particular de gêneros com relações particulares entre eles, constituindo um sistema. Dessa forma, quando os gêneros sofrem mudanças, isso acaba alterando as relações entre eles, e conseqüentemente, o seu sistema.(CARVALHO, 2007, p. 798).

Textos são eventos sociais, inseridos em práticas sociais de linguagem que por sua vez pertencem a estruturas abstratas da sociedade (RESENDE; RAMALHO, 2006). Estas estruturas são econômicas, políticas, culturais. Dizem respeito à própria linguagem, enquanto sistema de possibilidades. Portanto, as estruturas e as práticas sociais pertencem ao contexto de cultura enquanto que os eventos, refletidos nos textos, pertencem ao contexto de situação (HALLIDAY, 2004). Esta é a base para o modelo de interpretação de Fairclough (1992), ampliado em Chouliaraki e Fairclough (1999), como pode ser visto na figura 1 a seguir:

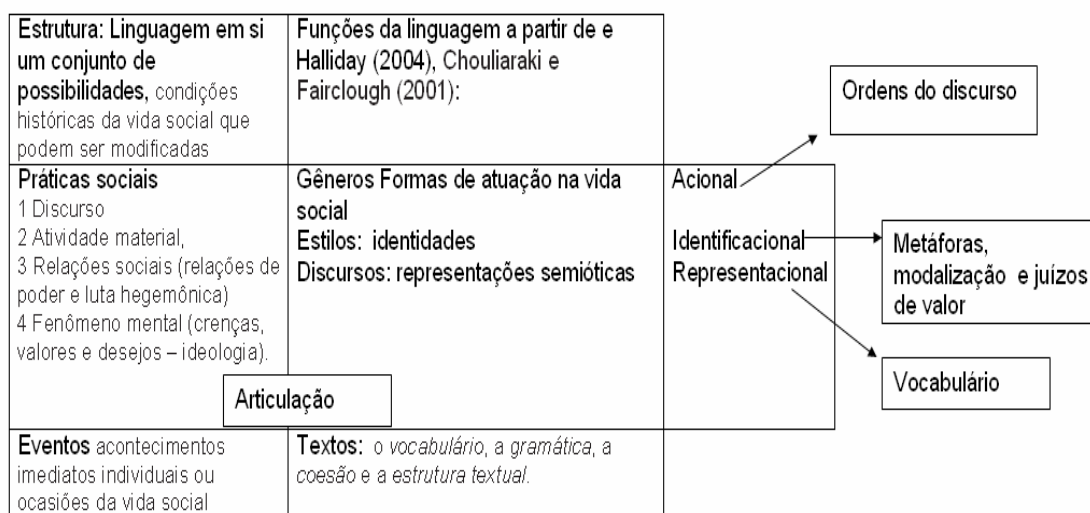


Figura 1: Modelo de Análise Textual na ACD

O trabalho aqui proposto olha para os processos lingüísticos que envolvem os gêneros promocionais da música *funk*. Este sistema de gêneros está no contexto de situação. As mudanças ocorridas, que envolvem as pressões do consumo e do discurso sexista (contexto de cultura), correspondem ao interesse desta pesquisa, olhando para o que ocorre nas práticas sociais, pensando nas estruturas existentes. O modelo de análise proposto na ACD busca a articulação entre gêneros, estilos e discursos nas práticas sociais, a partir das escolhas lingüísticas, pensando-as num contexto situacional (texto), que pertence a um contexto cultural maior.<sup>3</sup>

Portanto, em ACD não há como realizar análises textuais isoladas. Embora a análise parta de um corpus textual específico, ela sempre se remeterá as práticas sociais, sendo que o

<sup>3</sup> Na tese de doutorado, toda a história do *Funk* será resgatada, no contexto de cultura, a partir de Essinger (2005), Vianna (1990,1992). O *Funk* erótico corresponde à terceira geração *funk*, a partir dos anos 2000 (ESSINGER, 2005, VIANNA, 1990, 1992, MEDEIROS, 2006). Também corresponde ao *newfunk*, que segundo Viana (2010) é a música provida do trabalho em redes, na internet, adquirida com download. Estas relações mostram como o *Funk* é um produto cultural que sofre a influência da mídia e da tecnologia, o que justifica o estudo das ordens do discurso, na perspectiva da ACD.

discurso, as representações lingüísticas e semióticas, são apenas um momento desta complexa rede, no contexto cultural.

### 3. Lingüística Sistêmico Funcional e Gramática Visual: Teorias e Ferramentas de Análise

A Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) apresenta-se como uma teoria da linguagem, e ao mesmo tempo como um método de análise de textos e de seus contextos de uso. Em sua perspectiva mais ampla, a LSF procura explicar que funções sociais a linguagem cumpre e como ela é estruturada em seus diferentes usos. A Gramática Visual (GV) também segue esta lógica, mas, para entendê-la, primeiramente é preciso entender a funcionalidade da linguagem em textos verbais. Sendo assim, parte-se um modelo gramatical capaz de explicar as implicações comunicativas das seleções feitas dentro de um sistema como a linguagem. Essa gramática permite não só analisar a estrutura da oração, como o faz uma gramática tradicional, mas consegue reunir noções da pragmática e da semântica: a pragmática na intenção de uso e a semântica no significado do texto. Para a LSF, é preciso que sejam consideradas as questões relacionadas ao significado (base semântica) e ao uso (funcional) de uma determinada língua. Este modelo gramatical defende a visão de que não só estruturamos textos, mas fazemos essas estruturações com determinadas intenções. Como afirma Ravelli, “a linguagem é mais que uma seqüência de letras na página, mais do que o fluxo de sons. A linguagem expressa significados e esses significados são carregados por estruturas que ocorrem nas trocas compostas entre as partes que a compõem” (2000, p. 29). Ao falar-se em LSF, estamos falando de uma ciência lingüística que se apóia em uma gramática, porém com um olhar instrumental e funcional.

Devido ao vínculo intrínseco entre a LSF e as funções sociais da linguagem, esse estudo terá como base essa teoria lingüística que tem como pontos de partida o papel do contexto e os significados construídos pelas orações, e como principal interesse as funções (usos da língua) e os significados (sentidos) da linguagem.

Segundo Fairclough (1992, p. 104), “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimentos e crenças”. Essas escolhas são contempladas na LSF, segundo a qual:

A linguagem é funcional em três sentidos: (1) destina-se a explicar como as línguas são usadas [...]; (2) os componentes fundamentais do significado lingüístico são funcionais: ideacionais (reflexivos: a expressão de processos, eventos, ações, estados ou outros aspectos do mundo real representados simbolicamente), interpessoais (ativos: a expressão de formas de ação, de atitudes e de relações com os interlocutores) e textuais (elos coesivos que tornam os textos adequados à ocasião social); (3) cada elemento de uma língua tem uma função no sistema lingüístico, e é explicado por essa função. Isso é percebido na inter-relação entre os componentes do significado lingüístico (HALLIDAY, 2004, p. xiii-xiv).

Podemos dizer que a linguagem é funcional porque a utilizamos em situações concretas onde queremos agir sobre o outro e o mundo que nos cerca. Ela carrega significados e ideologias conforme seu espaço discursivo de produção, circulação e consumo. Escolhemos o que vai ser dito, como e para quem e em que situação interativa, a fim de atingir objetivos pré-estabelecidos, como convencer o outro. Além disso, podemos dizer que o sistema lingüístico permite que os participantes dos eventos sociais representem o mundo (função

ideacional), interajam uns com os outros (função interpessoal) e construam textos tecidos de forma a tornarem-se mensagens coesas e coerentes (função textual).

Ao analisarmos, num texto, o que está acontecendo e como seus participantes se comportam (funções ideacional e interpessoal), temos evidências para investigar as identidades criadas nesse texto. Uma das formas de investigar a representação das mulheres é através do sistema de transitividade, o que já foi feito em Oliveira (2008): o sistema que faz com que a linguagem estruture a experiência humana através das escolhas do que vai ser colocado no eixo paradigmático (mental) e sintagmático (seqüência, combinação linear). Quando olhamos para a transitividade estamos buscando levantar que tipo de ações estão sendo representados (tipo de predicado), quem são os participantes (sujeitos), como é a regência verbal (a ligação entre o participante e a ação) e as circunstâncias nas quais essas ações ocorreram (complementos verbais e nominais) (RAVELLI, 2000, p. 29-37).

Além do sistema de transitividade, a representação da mulher no *Funk* pode ser analisada através dos sistemas de modo e modalidade (correspondendo à função interpessoal), que indica como a mulher se relaciona com os outros atores sociais do contexto, qual é a sua posição nesses textos, qual é sua identidade. A modalidade corresponde à veracidade e/ou a obrigatoriedade das asserções feitas no texto. Envolve polaridade, ou seja, as possibilidades intermediárias entre o sim e o não, entre o permitido e o negado, o nível da indeterminação dos falantes e como a textualização cria os significados textuais. Já o modo diz respeito aos tipos de oração que utilizadas no texto: afirmativa, negativa, interrogativa ou exclamativa.<sup>4</sup>

Estas categorias exemplificam como uma análise lingüística funcional pode ser encaminhada. Em Oliveira (2008), já se observou como as escolhas lexicais criam nomenclaturas e sintetizavam categorias e rotulações para a mulher no *Funk*. Sendo assim, o léxico também será uma categoria analítica neste trabalho. Ele será a base para a coleta de dados, em termos de textos multimodais em CDs e também em reportagens sobre as “mulheres fruta”.

Toda esta análise será pautada no modelo analítico da ACD (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), no qual os textos representam eventos regidos por práticas sociais (ordens do discurso) que são impactadas pelas estruturas econômicas, políticas e sociais vigentes (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p.22).

#### 4. Multimodalidade: Conceitos e Metodologias de Pesquisa

A multimodalidade é a combinação de diferentes signos e semioses em um mesmo texto. Comum num mundo de imagens, o estudo destes textos é o foco da Gramática Visual (KRESS; VAN LEUWEEN, 1996, 2001), conjugada à ACD.

A Gramática Visual reconhece a multiplicidade de significados criados a partir da combinação de vários modos (visual, textual, auditivo, movimento, etc.). Portanto, semelhante aos estudos em ACD, a Gramática Visual (GV) reconhece a natureza dinâmica da comunicação, a importância de entender e experimentar textos pertinentes culturalmente e de projetar novos textos (SANTOS COSTA, 2007, p.2).<sup>5</sup> A capacidade de ler e interpretar textos multimodais é apontada por muitos autores da área da educação como uma forma de letramento (DIONÍSIO, 2006).

<sup>4</sup> Entre as propostas de análise do envolvimento entre os participantes do texto ainda existe a possibilidade de se usar o sistema de valoração. Ver Martin e White (2005).

<sup>5</sup> No artigo de Santos Costa (2007), textos pertinentes culturalmente são os textos que socialmente são usados no dia a dia, textos que estão em constante transformação devido às tecnologias e à internet, o que exige um leitor letrado não só na linguagem verbal, mas também na multimodal.

Dessa forma, semelhante a LSF, a GV questiona as escolhas textuais em termos de significados ideológicos presentes em textos verbais, visuais ou híbridos. Segundo Ferraz (2008 p. 2-3):

O interesse dos criadores dos signos, no momento da criação, guia-se para procurar um aspecto ou o conjunto de aspectos do objeto a ser representado como sendo característico, naquele momento, para representar o que eles querem representar, e daí procurar a mais plausível, a mais apta forma para sua representação. Isso se aplica também ao interesse das instituições dentro das quais as mensagens são produzidas, e lá se faz a formação de convenções e constrangimentos.

A proposta da GV coaduna-se com a proposta de Fairclough (1992, 2001, 2003), de direcionar a análise textual para a especificação das práticas sociais de produção e consumo de textos associadas ao gênero do discurso que a amostra representa. Trata-se de uma forma de análise que implica na interpretação da ação estratégica humana que acontece através dos textos.

Kress e van Leeuwen (1996, p.20) definem multimodalidade “como o uso de muitos modos semióticos no *design* de um produto ou evento semiótico, junto com a maneira particular que esses modos são combinados [...]”. Os discursos contemporâneos dependem dessa combinação, sobretudo no que diz respeito à ideologia do consumo e da corporeidade.

Segundo Rocha (2005, p. 51), a gramática da linguagem verbal trata das regras de combinação entre elementos formais para compor palavras, frases e textos, além de estudar os processos de formação/construção que constituem e caracterizam o sistema de uma língua. Isto também vale para a GV no que diz respeito à composição da imagem.

Quando se analisa uma produção textual assumindo esta perspectiva, são investigadas as escolhas estruturantes da imagem, como cor, enquadramento, distribuição, foco, posição dos personagens e valores simbólicos assumidos por eles. Entretanto, ao invés de priorizar as seqüências, o valor está no sentido. Dessa forma, trata-se de uma gramática que, como cita Rocha (2005, p. 51), “aponta para diferentes interpretações da experiência e para diferentes formas de interação social. Ela pode orientar tanto a análise de uma pintura quanto o *layout* de uma revista.” Em resumo, a GV interessa-se pelo modo como participantes, lugares e coisas são combinados em um todo de significado.

Quanto ao caráter multimodal dos textos contemporâneos, Rocha argumenta que nem tudo pode ser expresso apenas na forma visual ou na forma verbal. a associação destes dois sistemas constitui a multimodalidade, ou seja, quando as “coisas podem ser transmitidas em ambos os sistemas, a maneira pela qual elas serão realizadas será diferente” (ROCHA, 2005, p. 51).

Semelhante ao texto verbal, com três funções textuais, no texto visual também ocorrem esta funcionalidade, só que com a seleção de outros elementos. As funções da gramática textual são na GV, sistemas que, seguindo Kress e van Leeuwen (1996), podem assim ser descritos: (1) sistema de interação de significados em imagens; (2) sistema de contato (imagens agem sobre o espectador de algum modo, buscando reação ou oferecendo “informação” visual; seria um sistema de distância social: o espectador é convidado a se aproximar dos participantes representados (distância social de intimidade), a se manter a certa distância (distância social), ou manter-se afastado (distância impessoal)); e (3) dois conjuntos de sistemas relativos a atitude: dimensão horizontal, a qual cria o envolvimento do espectador (frontalidade) ou a separação através da obliquidade, e uma dimensão vertical, que cria uma dimensão de poder entre espectador e participantes representados (hierárquica ou solidária). Todos esses elementos serão considerados em maior ou menor escala na análise das imagens das capas de CDs de *Funk*.

O quadro 1 compara as funções da linguagem segundo a LSF com as categorias analíticas da GV:

<b>Metafunção ideacional:</b> Representação das experiências de mundo por meio da linguagem	<b>Estrutura narrativa</b> (Ação transacional, Ação não-transacional, Reação transacional, Reação não-transacional, Processo mental, Processo verbal); <b>Estrutura conceitual</b> (Processo classificacional, Processo analítico, Processo simbólico);
<b>Metafunção interpessoal:</b> Estratégias de aproximação/afastamento para com o leitor	<b>Contato</b> (Pedido – Interpelação ou Oferta) <b>Distância Social</b> (social, pessoal, íntimo) <b>Atitude</b> (objetividade ou subjetividade) <b>Modalidade</b> (valor de verdade);
<b>Metafunção textual:</b> Modos de organização do texto.	<b>Valor de Informação</b> (Ideal – Real, Dado – Novo) <b>Saliência</b> (elementos mais salientes que definem o caminho de leitura) <b>Moldura</b> (o modo como os elementos estão conectados na imagem).

Quadro 1: Estrutura básica da Gramática Visual (OLIVEIRA, 2006, p. 3).

## 5. Metodologia para análise multimodal

O estudo será desenvolvido a partir da agenda de pesquisa da ACD, que propõe um quadro analítico para lidar com um problema social sob a ótica da linguagem. O problema social observado é representação comodificada e discriminatória da mulher no discurso promocional do *Funk*, em especial nas capas de CDs e nas metáforas das “mulheres fruta”. Vários temas envolvidos nessa prática serão contemplados na fundamentação teórica: as características da pós-modernidade; a função do consumo nas sociedades contemporâneas; a linguagem da internet; as características do discurso promocional; o movimento *funk* enquanto gênero musical e movimento cultural; as mudanças ocorridas na vidas das mulheres como resultado dos movimentos feministas. Esses temas serão discutidos em interlocução com as propostas teórico-metodológicas da ACD (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2006) e das Gramáticas Sistemico Funcional (HALLIDAY, 2004) e Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, 2001).

Dessa forma, as ferramentas de análise textual serão a observação de:

- No vocabulário, o estudo das metáforas (rótulos) usadas para a representação feminina no fenômeno das “mulheres fruta”;
- No que concerne à gramática, as metafunções da Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2001).

O quadro 2 mostra como a pesquisa será organizada, de acordo com o marco analítico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999):

Estrutura da pesquisa	Descrição
Centralizar-se em um problema social que tenha um aspecto semiótico.	A <i>comodificação</i> feminina na rede de práticas discursivas multimodais que promovem o <i>Funk</i> : um exemplo discursivo da transformação da mulher em um produto sexual e comercial na modernidade tardia
Identificar os elementos que lhe põem obstáculos com o fim de abordá-los, mediante a análise:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rede de práticas: sociedade, ideologia, <i>Funk</i>, mercado, mídias, consumo</li> <li>• Discursos: sexista, de consumo, pornográfico.</li> <li>• A ordem do discurso: diferentes gêneros constroem diferentes representações, relações e identidades sociais, a partir de uma cadeia ou sistema de gêneros.</li> <li>• Análise interdiscursiva: textos evocam ou dialogam com outros textos, respondem a outros textos, do mesmo gênero ou de gêneros e momentos diferentes.</li> <li>• Análise linguística: Gramática Visual, LSF- vocabulário, metáfora</li> </ul>
A ordem social precisa do problema ou não	A relação entre a estrutura dominante, a prática social e o evento discursivo, considerando que textos representam e criam realidades.
Maneiras de superar o problema	Análise das variáveis envolvidas e de como as práticas discursivo-sociais se solidificam, gerando discursos de manutenção do status quo, ou contra-discursos.

Quadro 2: Estrutura da Pesquisa sobre a *comodificação* feminina no *Funk*.

6. Amostra do corpus e prévia análise

Até o momento, o corpus se constitui de vinte reportagens sobre as Mulheres-fruta e cento e dois CDs *funk*. A organização do corpus em consonância com a metodologia da ACD encontra-se no quadro3:

Textos –eventos	Práticas sociais	Estruturas
Reportagens sobre as Mulheres fruta- mídia eletrônica começou em 2008; Capas de CDs de 2005 até 2010: oficiais, internet e piratas	Textos Promocionais multimodais do <i>funk</i> ,	Linguagem Globalização Consumo Sexismo

Quadro 3: Corpus sobre a *comodificação* feminina no *Funk*.

Neste corpus serão observados, portanto, as transformações das práticas sociais de promoção do *Funk*. As categorias de análise linguística verbal serão a intertextualidade, a interdiscursividade e a metáfora, observadas através do vocabulário utilizado nas reportagens sobre as “mulheres fruta”. Finalizando, as categorias analíticas da Gramática Visual, correspondendo às funções *representacional*, *interativa* e *composicional*, serão aplicadas às capas dos CDs.

A seleção dos CDs e das reportagens foi aleatória, respeitando o período entre 2007 e 2010. Colocando-me na condição de compradora, em diferentes momentos de 2009 simulei a compra dos CDs na internet, digitando as datas entre 2007 e 2010 (a data era adiantada porque eu buscava também possíveis lançamentos). Assim, obtive a imagem da capa dos mesmos. Quando fazia esta simulação, ia a camelôs e tentava obter exemplares também naquele universo e aceitando CDs entre estas datas. Em seguida, tabulava a data e a fonte dos sites da internet, bem como a proveniência e o ano do material “pirata” e comparava o material da internet com o dos camelôs. Os CDs foram comprados em camelôs, nas cidades de Curitiba,

Londrina, Jesuítas, Toledo e Assis Chateaubriand (PR); e em Tubarão e Florianópolis (SC). Dessa forma, fui criando um corpus de CDs do *Funk* produzidos entre 2007 e 2010. Este corpus será tabulado mediante a aplicação da GV e comparado ao corpus que eu já possuía, referente aos anos entre 2005 e 2007, que foi pesquisado da mesma maneira, porém com outro objetivo (a análise das músicas).

Nesta seqüência, será possível perceber os recursos usados para a *comodificação* feminina em diferentes momentos do *Funk*, mas também será possível detectar a mudanças ocorridas no conceito da pirataria e das mídias eletrônicas para as novas formas de consumo. Em relação à promoção do *Funk*, as ordens de discurso configuram-se em tecnologias que usam o discurso e a linguagem a serviço do mercado consumidor e da indústria fonográfica.

As reportagens das “mulheres fruta”, correspondendo ao período entre 2008 e 2009, foram obtidas do jornal ‘Folha de São Paulo’ e “Folha de São Paulo on-line”, utilizando como palavras chaves no processo de busca as metáforas das “mulheres fruta”. Foram selecionados textos obtidos a partir das seguintes metáforas (categorias): Mulheres fruta, Mulher Filé, Mulher Moranguinho, Mulher Maçã, Mulher no *Funk*, Cachorras do *Funk*, as gostosas do *Funk*, Mulher Melância, Mulher Melão.

Recorri a este espaço midiático devido à credibilidade da fonte (o jornal Folha de São Paulo), e por ser possível fazer um recorte temporal específico. Pretendo confrontar a representação destas metáforas (rótulos), obtidas em espaços midiáticos mais restritos, com as representações simbólicas presentes nas capas dos CDs. O objetivo é investigar se, com o uso de novos recursos lingüísticos, gêneros e estilos para a promoção do *Funk* de 2007 em diante, as formas discriminatórias de representação feminina identificadas nas letras de música *funk* em minha pesquisa de mestrado (Oliveira, 2008) também fazem parte dos significados construídos nas capas de CDs produzidos entre 2005 e 2010 e nas reportagens sobre as “mulheres fruta”, publicadas entre 2008 e 2009.

O quadro 4, 5 e 6 apresentam uma análise prévia, mostrando a origem dos CDs e a natureza das Capas, no que diz respeito a *comodificação* feminina. O quadro 4 traz a origem dos CDs e as estratégias promocionais usadas, separadas por categorias de capas e o ano da compra dos CDs.

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total porcentagem
Numero de cds	8	13	5	14	56	6	102: 100%
Pirata	5	9	3	4	15	2	33%
Oficial	3	4	2	10	41	4	67%
Capa comodificando a figura feminina	6	7	3	7	34	4	59%
Capa mostrando o MC homem	1	3	2	4	19	2	30%
Mc mulher		1			3		4%
Outras estratégias promocionais	1	4		3	14	1	22%

Quadro 4: Fonte dos CDs usados na pesquisa sobre a *comodificação* feminina no *Funk*.

Já os quadros 5 e 6 mostram os dois momentos de coleta dos CDs, onde percebe-se a saída do *Funk* do mercado pirata (camelôs) para o espaço da internet, citado aqui como oficial. Todavia, é preciso lembrar que hoje os CDs podem ser baixados, sem direitos autorais, o que também é pirataria.

Ano	2005	2006	2007	Total porcentagem
Número de cds	8	13	5	26: 100%
Pirata	5	9	3	65%
Oficial	3	4	2	35%
Capa comodificando a figura feminina	6	7	3	61 %
Capa mostrando o MC homem	1	3	2	23 %
Mc mulher		1		4%
Outras estratégias promocionais	1	4		19%

Quadro 5: Primeira coleta de CDs para análise de músicas *Funk* (OLIVEIRA, 2008).

Ano	2008	2009	2010	Total porcentagem
Numero de cds	14	56	6	76: 100%
Pirata	4	15	2	27 %
Oficial	10	41	4	72 %
Capa comodificando a figura feminina	7	34	4	59%
Capa mostrando o MC homem	4	19	2	34%

Quadro 6: Segunda coleta de CDs *funk*.

A recorrência da figura feminina no *Funk* configura-se uma estratégia de venda. Muitos CDs que mostram MCs homens tem como fundo o corpo de uma mulher nua. Para outras estratégias discursivas lêem-se imagens do baile, montagem de layout como cartaz ou elementos que retomam o uso de aparelhos eletrônicos.

As capas que comodificam a figura feminina são, em sua maioria, de coletâneas de vários MCs do *Funk*. Também é usado o corpo de mulher como fundo para a demonstração da

imagem do homem MC (ele vestido e ela sempre seminua, enfatizando seios, nádegas e pernas).

Quando o homem está na capa, ele está na posição de cantor, junto a acessórios eletrônicos, mostrando o seu trabalho. Em coletâneas ou CDs de MCs homens, ele também aparece dançando com as mulheres, porém sempre na posição de comando, mostrando o rosto. Quando é o seu CD, ele sempre usa camisa.

Já a mulher é recursivamente usada com ênfase em seus seios e nádegas. Até a MC Tati Quebra Barraco, embora tenha lançado CD oficial, enfatiza seus seios na montagem de sua capa.

Até 2007 havia mais CDs piratas. A partir de então a ordem se inverteu. Em 2009 houve uma explosão de CDs *funk* podendo ser acessados pela internet. Os sites possibilitam comprar os CDs ou baixá-los na íntegra. Nestes CDs, percebe-se a mesma recorrência de padrão dos anteriores CDs piratas.

## Conclusões

Neste momento da pesquisa, seria interessante conseguir mais CDs para engrossar os resultados do corpus. Também se faz necessário buscar mais bibliografias sobre as “mulheres fruta” e o *Funk* em relação à indústria fonográfica. Existe uma complexa ligação do corpus com uma ordem de discurso sexista e consumista: tendências do discurso na modernidade tardia.

Como já citado, as capas selecionadas serão analisadas com as ferramentas da Gramática Visual. Os textos com as “mulheres fruta” têm a possibilidade de serem contemplados com o estudo da metáfora lexical (HALLIDAY, 2004), ou com o sistema de categorização (FOWLER, 2004, POTTER; WETHERELL, 1990, 1991). Toda a análise busca entender como funciona, pela linguagem, a *comodificação* da mulher no universo *funk*, juntando-se, então, aos estudos lingüísticos que visam desvendar os mecanismos de sexismo na linguagem.

O estudo ainda levanta questões sobre a corporeidade na modernidade tardia, as estratégias de venda e marketing na internet e o futuro da música a partir da possibilidade de novas formas de autoria (ou pirataria) advindas da tecnologia.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. A transformação das pessoas em mercadorias. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARVALHO, Chistine Maria Soares de. O gênero discursivo CD-ROM nas práticas de linguagem. In: *4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*, 2007, Tubarão: UNISUL, 2007.
- CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. *Linguagem em Discurso*, v.4, Número Especial, p.11-32, 2004. 101
- \_\_\_\_\_. O Picante sabor do proibido: Narrativas de transgressão. In: FUNCK, Susana. Borneo; WILHOLZER, Nara. (Org) *Gêneros em discurso da mídia*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2005.
- CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh UP, 2001.
- CORRÊA, Roberto. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- DIONISIO, Ângela. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSDKI,

- Acir. M. et al. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena Editora, 2006.
- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Continuum, 2004.
- ESSINGER, Sílvio. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].
- \_\_\_\_\_. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Language and globalization*. London: Routledge, 2006.
- FERRAZ, Janaína de Aquino. *Gêneros multimodais: novos caminhos discursivos*. VIII ENIL/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em < [http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/2\\_Janaina\\_AF.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/2_Janaina_AF.pdf)>. Acesso em 25 de novembro de 2009.
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Violência sexual e controle legal: uma análise crítica de três extratos de sentenças em caso de violência contra a mulher. *Linguagem em Discurso*, v.4, Número Especial, 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: modos de enunciar o feminino na TV. In: FUNCK, Susana Borneo e WILHOLZER, Nara (Orgs.). *Gêneros em discursos da mídia*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2005.
- FOWLER, Roger. Sobre a lingüística crítica. *Linguagem em Discurso*, v.4, Número Especial, 2004.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. 3<sup>rd</sup> ed. London: Edward Arnold, 2004.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold. 2001.
- MARTIN, James; WHITE, Peter. *The Language of Evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave/Macmillan, 2005.
- MEDEIROS, Janaína. *Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo e prazer*. 1<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.
- OLIVEIRA, Sara. Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, jan./jun. 2006.
- OLIVEIRA, Edinéia. A expressão da identidade feminina no Gênero Textual Música Funk. *Anais do 4º SIGET*, Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Tubarão, 2007. v. 4. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/45.pdf> Acesso em: 01 jan. 2009.
- OLIVEIRA, Edinéia. *A expressão da identidade feminina no gênero música funk: estudo de caso em letras de canções da fase erótica do movimento funk*. Tese de mestrado. UNISUL, 2008. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/45.pdf> Acesso em: 01 jan. 2009.
- POTTER, Jonathan; WETHERELL, Margareth. Discourse: noun, verb or social practice. *Philosophical Psychology*, 3, 1990.
- \_\_\_\_\_. Analyzing discourse. In: BRYMAN, A.; BURGESS, R. (Eds). *Analyzing qualitative data*. London: Routledge, 1991.
- RAVELLI, Louise. Getting started with functional analysis of texts. In: UNSWORTH, Len. (Ed.). *Researching language in schools and communities: Functional linguistic perspectives*. London and Washington: Cassell, 2000.

- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROCHA, Harrison da. *Repensando o ensino de língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.
- SANTOS COSTA, Giselda dos. *Letramento Visual: Da web ao celular*. II Encontro Hipertexto e Tecnologias na Educação – Universidade Federal do Ceará- junho de 2007. Disponível em < <http://www.giseldacosta.com.br/public/2024496-LETRAMENTO-VISUAL-WEB-AO-CELULAR.pdf>>. Acesso em 20 de janeiro de 2009.
- VIANA, Lucina Reintebach. *O Funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura*. UNICAMP, SONORA. Disponível em < <http://www.sonora.iar.unicamp.br/index.php/sonora1/article/viewFile/32/31>>. Acesso em 27 de junho de 2010.
- VIANNA, Hermano. Funk e cultura popular carioca. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v.3, n. 6, 1990, p.244-253.
- VIANNA, Hermano. *O mundo Funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.